

CRISTÃOS E CRISTÃS LEIGOS E LEIGAS ESPIRITUALIDADE E MISSÃO

Ms. Selina Maria Dal Moro

INTRODUÇÃO

Este texto, com caráter de ensaio, constitui-se síntese parcial das reflexões sobre o tema do Laicato, realizadas no âmbito do processo teológico-pedagógico da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades. O estudo referencia-se nos documentos do Magistério Eclesial, de modo particular, no documento n. 105 da CNBB e, em reflexões de teólogos, pastoralistas e de outros estudiosos sobre o tema, especialmente no tocante à Espiritualidade e Missão dos Leigos e das Leigas na Igreja e na Sociedade. O texto divide-se em quatro subitens: 1- Leigos e Leigas: sujeitos da formação na Itepa Faculdades; 2 - Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade; 3 - A identidade, o lugar e o papel histórico do Leigo e da Leiga na Igreja e na sociedade; 4-Leigos e Leigas: Espiritualidade e Missão.

1 - LEIGOS E LEIGAS: SUJEITOS DE FORMAÇÃO

Em paralelo ao objetivo da formação de candidatos ao ministério presbiteral, a formação de Agentes de Pastoral, religiosos e leigos, constituiu-se, desde a fundação do Instituto de Teologia e Pastoral em 1982, hoje, oficialmente reconhecido como Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades, numa de suas prioridades. Para atender a esta prioridade, inicialmente, foi oferecida formação teológico-pastoral na modalidade de extensão em Teologia com a oferta de cursos, implantados em 1993 e que se estenderam até 2014, desenvolvendo-se em sete etapas, nos períodos das férias de janeiro e de julho durante três (3) anos e meio. Nesses cursos participaram presbíteros, religiosos e leigos.

Devido a fatores diversos, as possibilidades de participação dos interessados na formação teológico-pastoral foram gradativamente se esgotando. Sobretudo os Leigos, muitos dos quais integrados nos sistemas públicos de ensino ou de saúde ou com contrato de trabalho regido pelas Leis trabalhistas - CLT, passaram a não mais dispor de tempos livres para a sua formação, nesta modalidade acima referida.

O impulso dado pelo Concílio Vaticano II e pelas Conferências do Episcopado Latino-americano, mobilizou Dioceses e Paróquias que se lançaram na busca da formação teológico-pastoral para os Leigos e Leigas inseridos em atividades sociopastorais, bem como, para lideranças de movimentos e de organizações sociais.

O apelo, de imediato, foi dirigido à Itepa Faculdades. Atenta aos “sinais dos tempos” a IES assumiu a missão de elaborar uma nova proposta de curso, na modalidade de Extensão em Teologia para ser oferecido de modo condizente com as possibilidades de participação dos interessados. O projeto apresentado e, ainda em pleno desenvolvimento, está organizado para realização em dois anos, com duração de nove meses em cada período e com uma aula semanal no turno a partir da 19 às 22hs. As aulas são ministradas por Docentes da Itepa Faculdades e por convidados habilitados para a função, especialmente, Párocos e Vigários das Paróquias que demandaram o curso. Diversos Presbíteros desafiaram-se a dar continuidade à sua formação teológica, participando, assiduamente de todos os encontros.

Desde a instalação desta modalidade de formação (2010-2011) até a presente data, já foram atingidas centenas de pessoas. Em sua grande maioria os participantes estão domiciliados no âmbito de abrangência das Dioceses Associadas ao Itepa. São jovens, pais e mães de família, inseridos em ações sociopastorais na condição de Agentes de Pastoral, de Lideranças de Organizações e de Movimentos Sociais, Educadores, Profissionais da saúde, Civis em cargos políticos ou em políticas públicas e outros.

A partir da publicação do documento nº 105 da CNBB, na IES redobrou-se a atenção sobre o tema do Laicato, constituindo-se, além de objeto de estudos e de reflexões, componente curricular dos cursos de extensão e de pós-graduação *lato sensu*. Como já enunciado no início, este texto constitui-se numa sistematização dos estudos e reflexões realizados no âmbito de abrangência da Itepa Faculdades sobre o Laicato na Igreja. Alerta-se o leitor que conceitos e princípios teológico-pastorais permanecem como temas para maior aprofundamento.

2 - CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS NA IGREJA E NA SOCIEDADE

No recente documento da CNBB, nº 105/2016, intitulado: *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade: sal da terra e luz do mundo* três palavras são centrais: sujeito eclesial (n.1) sal da terra e luz do mundo (n.13). Estas três afirmações expressam a “identidade, a espiritualidade e a missão do leigo”. Um dos fios condutores de toda a reflexão é que os leigos são sujeitos eclesiais com atuação na Igreja e no mundo. Em face desta missão, o documento aponta para os atributos da identidade do Leigo: ser maduro na fé, ser capaz de testemunhar amor à Igreja, de servir os irmãos e irmãs, de permanecer no seguimento a Jesus, na escuta obediente à inspiração do Espírito Santo e ter coragem, criatividade e ousadia para dar testemunho de Cristo!¹

As reflexões de teólogos, pastoralistas e estudiosos sobre o tema reafirmam a posição eclesial: Leigos e Leigas são cristãos e membros da Igreja em plenitude. Pelo Batismo são incorporados a Cristo e constituem o Povo de Deus, participando ativamente das funções de Cristo Profeta, Sacerdote e Rei².

¹ Cf. CNBB, Doc. 105, n. 119.

² Cf. Antônio José de ALMEIDA. Uma abordagem histórica. *Leigos em quê?* 2006; João Décio PASSOS. O Leigo no Vaticano II. *Sujeito cristão na sociedade e na Igreja*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira – Reb* 73, p.559-574.

No Concílio Vaticano II, marco histórico da Igreja Universal “pela primeira vez na bimilenar história da Igreja se presta atenção à identidade e ao papel dos leigos tanto na Igreja como no mundo”³. Este mesmo Concílio “estabeleceu o pressuposto do novo status dos Leigos: A Igreja é o “Povo de Deus”. A noção de Povo de Deus exprime a profunda unidade, a comum dignidade e fundamental habilitação de todos os membros da Igreja à participação na vida eclesial e à co-responsabilidade na missão. Assim, quando o Concílio fala da “Atividade missionária da Igreja”, diz:

Como membros de Cristo vivo, a Ele incorporados e configurados pelo Batismo e também pela Confirmação e a Eucaristia, obrigados se acham todos os fiéis ao dever de cooperar na expansão e dilatação de seu corpo, para o levarem quanto antes à plenitude. Convençam-se por isso vivamente todos os filhos da Igreja de sua responsabilidade para com o mundo. Empenhem-se com afínco na obra da evangelização (LG 36).

O documento da CNBB n. 105 alavanca-se nesta posição eclesial: “Leigos e Leigas são todos os batizados, exceto os que se inserem nos âmbitos clerical e da vida religiosa consagrada”⁴. O documento não quer com esta definição indicar que existem três categorias de membros da Igreja: Os clérigos, os religiosos e os leigos. Existem ministérios distintos, sob uma única identidade porque todos ascenderam à identidade cristã pelo Batismo. “O Batismo aparece como constitutivo de toda a dignidade cristã, princípio da consciência missionária, bem como das responsabilidades cristãs no mundo. A Igreja é uma comunidade construída por um grande número de serviços”⁵. Maria Clara Luchetti Bingemer reforça esta dimensão batismal dizendo:

³ Antônio José de ALMEIDA. *Leigos e Leigas: história e interpretação*. P. 178

⁴ Cf. CNBB. Doc 105.

⁵ Y. CONGAR. *Ministeri e comunione ecclesiale*. p.22. Apud Antonio José de ALMEIDA. *Leigos e Leigas: história e interpretação*. p 280.

O que há de comum entre leigos, clérigos e religiosos é o fato eclesiológico de serem todos batizados. Ou seja, o de serem todos, pelo Batismo, introduzidos num novo modo de existir: o existir cristão. A opção por um ou outro estado de vida, por este ou aquele ministério ou serviço na Igreja é posterior, vem depois. Antes de mais nada, primeiro que tudo, está o fato de ‘sermos todos batizados em Cristo Jesus ...sepultados com Ele na sua morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também, nós vivamos vida nova’(Rm 6,3-4)⁶

Neste mesmo sentido pode-se dizer que não existem espiritualidades diversas, próprias de cada um dos segmentos eclesiais. Existe uma única espiritualidade, a espiritualidade cristã, vivida a seu modo, por cada um dos ministérios eclesiais. O Batismo é, pois, o compromisso primeiro, a primeira e radical exigência que se coloca na vida de uma pessoa diante do Mistério da revelação de Deus em Jesus Cristo.

Segundo Vicente Bosch⁷ afirma que muitas vezes, ao longo da história, apenas aplicou-se aos leigos uma espiritualidade já existente. Uma “mudança radical veio do Concílio Vaticano II, que reavaliou o mundo e as realidades terrenas, considerando-as como um caminho de santidade que Cristo percorreu e deixou aberto a todos os homens”. O Professor Giuseppe Lazzati insistia na ‘índole secular’ como o ‘proprium’ do leigo. Este é para Lazzati, o “homem batizado que, enquanto homem, dedica-se à construção da cidade do homem e como batizado, à construção da Igreja e à sua missão evangelizadora”⁸.

Ainda que muitos batizados não tenham consciência desta sua condição e dignidade, o timbre de batizado mantém-se indelével em sua existência como sinal de pertença e indicador dos caminhos do seguimento a Jesus.

⁶ Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. *Perspectiva Teológica*, 19. p.45.

⁷ Vicente BOSCH. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?* p. 01. <<https://pt.aleteia.org>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.

⁸ G. LAZZATI. Il laico. Apud Antonio José e ALMEIDA, *Leigos e Leigas: história e interpretação*, p.. 281.

Aí está o sentido da existência não só do leigo, mas de todo cristão. Primeiro, uma ruptura radical com o passado e suas alianças, seus secretos compromissos com a iniquidade. Essa ruptura se dá, no dizer de São Paulo, colocando em paralelo o cristão com Jesus Cristo, ‘por uma morte semelhante à sua...a fim de que, por uma ressurreição também semelhante à sua, possa não mais servir ao pecado, mas viver para Deus’ (Rm 6,5-11). Viver para Deus significa começar a comportar-se no mundo como Jesus se comportou. Existir não mais para si, mas para “fora de si”, para Deus e para os outros (Cf.2Cor 5,15).⁹

A partir da assunção dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, Leigos e Leigas exercem sua função profética, sacerdotal e real, participando do sacerdócio comum com fundamento em Jesus Cristo. Exercem-na a seu modo, fazendo sua parte na missão comum a todo o Povo de Deus. Partícipes desta totalidade, a condição de vida dos Leigos e Leigas é, teologicamente, compreendida como vocação - Vocação Laical¹⁰. Embora ainda não se constitua compreensão comum a todos os batizados, hoje os documentos eclesiais ratificam que, assim como há a vocação presbiteral e para a vida religiosa consagrada, há, igualmente, a vocação laical. O que as distingue é o modo de atuação, a missão a ser exercida na Igreja e no mundo. No quadro dos ministérios eclesiais, o caráter secular caracteriza os leigos. Neste sentido, o campo próprio de sua ação evangelizadora e transformadora é prioritariamente a realidade temporal que inicia pela família, berço da geração e da proteção da vida, estendendo-se às demais esferas organizativas e administrativas da sociedade do mundo que hoje se apresenta na história como um mundo globalizado, urbanizado, tecnificado e informatizado.

⁹ Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. Perspectiva Teológica*, 19. p. 45.

¹⁰ Cf. Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p.10

2.1 - UM MUNDO GLOBALIZADO, URBANIZADO, TECNIFICADO E INFORMATIZADO

Renold Blanck¹¹ inicia o primeiro capítulo do livro intitulado “Ovelha ou Protagonista”, traçando o perfil do mundo moderno com duas fortes afirmações: “A tecno-metrópole informatizada e o seu produto mais recente: uma Igreja desafiada por um leigo que não é mais leigo”.

Segundo ele, o mundo moderno, profundamente urbanizado, é o ambiente de vida para a maior parte da humanidade. Nos mais recônditos ângulos desse ambiente vive o maior número dos Leigos e Leigas cristãos¹². Estão no mundo, mas não são do mundo (Jo 17,16). Sua missão se realiza ali, nesse mundo em constante transformação, mediante seu testemunho e uma ética inquestionável¹³. Na esteira reflexiva de Blanck, pautam-se alguns traços identitários desse contexto.

Hoje, mais de 70% da população mundial se move na cidade ao ritmo frenético desses ambientes. Grande parte vive acossada pelo tic-tac, ininterrupto e autoritário, dos relógios e dos apitos da tecno-indústrias que, substituindo o movimento silencioso do sol, definem os longos tempos do trabalho a ser explorado. Outra parte, a que constitui a base societária, lentamente vai sendo destruída pelas péssimas condições de vida que lhes são impostas. Outra, certamente constituída por índices e percentuais menores, é integrada pelos que ostentam algum grau de formação intelectual e profissional. Uma profunda desigualdade separa uns dos outros, não permitindo que os direitos inalienáveis do ser humano se realizem plenamente para todos.

¹¹ Renold BLANK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. ps. 5-14

¹² Para melhor compreender esta afirmação sugere-se a leitura do livro *No coração da Amazônia*. Depoimento de Dom Erwim Kräutler, CPPS. *Publicação da Comissão Episcopal para a Amazônia*. s/d.

¹³ Renold BLANK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

A autonomia, sustentada pela apropriação do saber sistematizado, põe à disposição dos que se situam no terceiro grupo citado um lugar rentável e seguro na esfera produtiva. Além disso, lhes confere poder e autoridade para questionar os parâmetros reguladores da sociedade, garantia da realização do direito de posicionar-se numa atitude inquiridora nos momentos de tensão, capacidade para desafiar as instituições reguladoras dos coletivos sociais e dos indivíduos, incluindo a Igreja, particularmente no que concerne ao campo de princípios e da participação democrática. “Autores orientados nos parâmetros da Igreja deploram a perda da identidade religiosa do povo, e os seus colegas do outro campo celebram, enfim, a realizada secularização total”¹⁴.

O mundo moderno além de profundamente urbanizado apresenta-se com um perfil marcadamente técnico e informatizado. A informatização não se constitui, apenas, mercado de reserva dos grandes projetos socioeconômicos, das relações internacionais e do campo financeiro. Ela penetra e comanda o cotidiano da vida, definindo os movimentos das rotinas individuais e sociais.

“Enquanto isso, os sociólogos discursam sobre o fato de que os habitantes das techno-metrópoles se tornaram seres desconfiados, não têm mais tempo para “bater um papo” com os seus vizinhos, se tornaram pessoas dependentes cada vez mais de sistemas anônimos, constrangidos e violados pelas necessidades de uma sociedade industrial, cujo objetivo é a eficácia. Eles se encontram perdidos na massa anônima, frustrados cada vez mais pelas suas tentativas de esquecer o seu vazio por uma frenética participação no consumo”¹⁵.

Nesse contexto acumula-se a tensão nas pessoas que habitam nestas metrópoles. Aumenta a violência e a pobreza alcança índices insuportáveis. Temerosas, as pessoas silenciam seus projetos, suas conquistas e, mais do que isto, perdem, não

¹⁴ Thomas WOLF. Es führt kein Weg zurück. Apud: Renold BLANK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. p.6.

¹⁵ Renold BLANCK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

raramente, o sentido da vida. O medo, quase sempre negado, as acompanha e lhes tolhe a liberdade. As fechaduras de segurança, as fortes grades em portas e janelas, os condomínios cercados e outros mecanismos de defesa constituem símbolo gritante do medo que assombra a cidade, com reflexos no campo. No âmbito mais escuro desta dura realidade, “crises de expressão e ataques psicóticos caracterizam o homem de hoje”, diz Gottfried Benn num dos seus poemas”. Assim é e vive o homem moderno¹⁶.

Conforme Blanck é, ainda necessário ter presente que a situação de hoje e no futuro não é mais como na Idade Média. Parafraseando este pensador, tem que se ter presente que a sociedade moderna latino-americana e, em especial a brasileira não é mais a mesma como nos tempos que, na América Latina só os homens da Igreja tinham formação e conhecimentos, enquanto que os demais, os “fiéis cristãos” caminhavam confiantes à luz das orientações que vinham de “cima”.

Os habitantes, sobretudo, dos contextos urbanos são os que detêm o domínio da informação e do conhecimento que os habilitam a administrar a vida humana e da natureza.

Acrescente-se a estes aspectos, que caracterizam o ambiente moderno, a emergência “num movimento sem fim” como diz Boaventura Sousa Santos, de novos sujeitos sociais. À luz da Exortação Apostólica “Laudato Si’ do Papa Francisco, emergem e se organizam novos movimentos ecológicos, bem como, movimentos de povos indígenas, de camponeses e de trabalhadores sem terra e sem teto. Estes de modo autônomo e profético se organizam para reagir contra as políticas recessivas reinstaladas a partir de 2016¹⁷ com o objetivo de “privatizar tudo o que for

¹⁶ Cf. Renold BLANCK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

¹⁷ Em 2016, no Brasil, com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, eleita em 2014 por voto popular ocorreu um golpe constitucional branco. Ascendeu ao poder o Vice Michel Temer, representante das forças políticas neoliberalizantes.

possível’, tanto na infraestrutura econômica quanto na infraestrutura social”¹⁸.

É necessário, no entanto, ter presente que, no Brasil e na América Latina de hoje, onde a luta pela justiça e o engajamento sócio-político ocupam lugar de central importância na vida de muitos cristãos e se constitui numa das grandes preocupações eclesiais, a deserção das fileiras do seguimento a Jesus é uma realidade que cresce e se complexifica. A Igreja vê com doloroso pesar muitos de seus mais dedicados militantes se afastarem de suas comunidades e abandonarem a caminhada eclesial a partir do momento em que ingressam de corpo e alma na militância sindical ou na luta partidária. “Muitos desses cristãos, sempre mais exigidos pela atividade política, não parecem mais encontrar tempo nem ver como prioridade a reflexão em torno da Palavra de Deus, da celebração litúrgica, da oração”¹⁹. Como diz Bingemer a resposta para um problema tão complexo e delicado não é de fácil equação. Mas ele está ali e está a exigir cuidado constante, sobretudo, porque a luta pela verdade e pela justiça sem a experiência do transcendente e da relação imediata com Deus em Jesus Cristo se reduz a uma empobrecedora ideologia. Por outra parte, sem compromisso social e político em todos os níveis, a espiritualidade corre o risco de transformar-se numa anestesia que já foi objeto de denúncia como “ópio do povo”²⁰.

É importante frisar que nesse contexto de conflitos e de possibilidades, emerge a figura de um novo sujeito cristão, qual seja, uma nova mulher, qualificada e consciente de seu valor, capaz de associar à ternura de sua missão maternal a energia combativa

¹⁸ Eduardo FAGGNANI. *O fim do breve ciclo da cidadania social no Brasil* (1988-2015). p.5

¹⁹ Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 25

²⁰ Cf. Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*.

para conquista de sua dignidade e direitos²¹. Sua imagem em nada corresponde ao paradigma da mulher, exclusivamente dona de casa, cujas responsabilidades se encerram nos limites do cuidado com a casa, com os filhos e com o marido²².

Sua emergência traz de volta ao seio da Igreja uma palavra que pertence às raízes mesmas do Evangelho:

a palavra da Samaritana que descobre o Messias (Jo 4), da cananea que força o desencadear o anúncio da Boa Nova aos gentios (Mt 15,21-28), da dona de casa, Marta em cujos lábios é posta confissão de fé idêntica à de Pedro (Jo 11, da discípula que ouve seu nome no jardim e se transforma em primeiríssima testemunha da ressurreição (Jo 20). Palavra essa, no entanto, que foi paulatinamente e secularmente silenciada, abafada e quase banida da esfera visível da Igreja. Que se manteve viva, no entanto, nos seus subterrâneos, para agora, cada vez mais, fazer-se de novo ouvir por cima dos telhados”²³.

O Papa São João XXIII e todo o Concílio insistiram na necessidade de reconhecer os “sinais dos tempos”. Aqui estão eles, e, entre eles, outros tantos que é urgente discernir do meio do amálgama da sociedade atual, onde Leigos e Leigas Cristãos vivem com suas famílias e atuam profissional e pastoralmente, desafiando-se a anunciar a “nova Jerusalém” a ser construída sobre os princípios evangélicos anunciados por Jesus de Nazaré.

Nesse sentido deve-se rejeitar o preconceito que os fiéis comuns não podem fazer mais do que simplesmente ajudar o clero nos apostolados eclesiais. [...] A maneira específica de contribuir com os leigos, com a santidade e o apostolado da Igreja é a ação livre e responsável em estruturas temporárias”²⁴. É dentro dessa realidade que a Igreja é chamada a falar de Deus. Falar de um

²¹ As mulheres participantes dos cursos de extensão em Teologia oferecidos pela Itepa Faculdades representam mais de 80% do total dos participantes.

²² Cf. Renold BLANCK. *Ovelha ou protagonista?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21.p.6

²³ Maria Clara Lucenti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 46.

²⁴ São Josemaría ESCRIVÁ. *Conversaciones*, n.59, p. 303 [1968].

Jesus histórico e de sua Mãe Maria, também histórica que alguns não conhecem mais ou que se encontram distantes de sua realidade²⁵. É dentro de tal realidade que a Igreja e cada cristão clérigo, religioso ou leigo é chamado a evangelizar, a dar testemunho de sua fé, manifestando-a pelas suas obras.

3 - A IDENTIDADE, O LUGAR E O PAPEL HISTÓRICO DO LEIGO E DA LEIGA NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Dá-se início a este item, rememorando o protagonismo da Igreja Primitiva, uma vez que, no âmbito dessa Igreja primeira é que se pode encontrar com maior precisão o sentido e o significado da missão e da espiritualidade dos Leigos e Leigas que vivem no contexto atual.

Nos primeiros séculos da experiência cristã, a Igreja, na sua totalidade, apresentava-se como uma proposta alternativa ao mundo religioso (pagão) então vivenciado. A distinção que havia não se situava entre ‘especialistas do espírito’ e ‘cristãos dedicados aos assuntos temporais’. A Igreja apresentava-se como a *novidade cristã*, vivida pelos batizados inseridos na sociedade (o mundo) que devia ser evangelizada²⁶. A Igreja da primeira hora, tal como é descrita no Novo Testamento, não parece apresentar traços daquilo que hoje é categorizado e definido como leigo²⁷.

A institucionalização desta Igreja, a partir do século IV, consolidou uma organização eclesial piramidal, fazendo uma distinção essencial. O clero passou a adquirir as características de sujeito eclesial e o laicato se tornou objeto ou parte submissa. Daí o termo “fiel”.

²⁵ Em uma aula de Metodologia do Ensino Religioso de um curso superior de Pedagogia, uma estudante ficou profundamente surpresa quando a professora disse que os títulos dados a Nossa Senhora referem-se a uma só Maria. A estudante revelou que, para ela, cada título representava uma “santa diferente”.

²⁶ Cf. Carta a Diogneto. <<https://pt.aleteia.org/.../uma-carta-de-mais-de-mil-anos-da-testemunho-os-cristaos-sao...>> Acesso em 15 de novembro de 2017.

²⁷ Cf. Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 46

Passados os longos séculos medievais, a partir do final do século XIX e início do século XX no contexto da modernidade, o Papa Leão XIII (1878-1903), com a Encíclica *Rerum Novarum*, fez ver ao mundo que o trabalho precede o capital e afirmou a possibilidade e a necessidade da massa oprimida poder se organizar para conquistar seus direitos. Ou seja, veladas sob a literatura eclesial, as palavras de Leão XIII anunciam o direito de todos os homens a serem sujeitos de sua história.

Um passo a mais foi dado pelo Papa Pio XI (1922-1929), ao instituir a Ação Católica. Desde então, novos horizontes foram se descortinando para a Igreja. Para Beozzo e Souza, “os Leigos e Leigas da Ação Católica no mundo, influenciaram seus pastores no sentido de tornar a Igreja e sua hierarquia mais permeáveis às realidades sociais, culturais e políticas, ou seja, ao mundo fora dela”,²⁸

Ao afirmar que a “Igreja” é o “Povo de Deus” (LG 1), o Concílio Vaticano II (1962-1965) constituiu-se, no que diz respeito à Igreja como um todo e, no caso dos Leigos, num marco histórico eclesial. Desde, então, a Igreja deixou de ser definida apenas por sua hierarquia, de forma piramidal, de cima para baixo, mas pela totalidade do povo, pela dimensão comunitária, onde cada um e cada uma adquirem, pelo Batismo, a sua identidade e, por consequência, sua condição e pertença. As diferenças, afirma o Concílio, se colocam na ordem dos serviços e no agir colegiado, jamais em diferença de dignidade.

O Santo Sínodo, atento aos “sinais dos tempos” e percebendo os anseios de grande parte dos homens e mulheres que vivem em tempos de pós-modernidade e que não querem mais ser vigiados e guiados como um rebanho amorfo, porque já não querem ser ovelhas, não olhou os leigos como membros de segunda categoria, a serviço da hierarquia e simples executores de ordens

²⁸ Cf. José Oscar Beozzo. *História da Igreja Católica no Brasil* <www.revistacatolica.com.br/revista/arautos>. Acesso em 5 novembro de 2017.

provenientes do alto. Focou-os, serenamente, como discípulos de Cristo e como cidadãos no mundo, chamados, pelo Batismo, a animar todo ambiente, atividade e relação humana segundo o espírito do Evangelho, levando a luz, a esperança e a caridade recebida de Cristo aos lugares que, caso contrário, ficariam sem a ação de Deus e abandonados na miséria da condição humana.

Banhada nas águas da caudalosa vertente aberta pelo Concílio e pelas Conferências Episcopais latino-americanas, a CNBB protagonizou um amplo movimento de retorno às fontes de “águas puras”, em vista do reconhecimento dos Leigos e Leigas como membros efetivos da Igreja, inseridos no mundo, cenário, primeiro de sua missão evangelizadora e transformadora da sociedade.

3.1 - LEIGOS E LEIGAS NOS DOCUMENTOS ECLESIAIS

O feixe de luzes irradiadas desde Roma pelo Papa São João XXIII e de Paulo VI, condensaram-se na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (Vat. II) afirmando que:

Por leigos entendem-se todos os cristãos, que não são membros da Sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, que incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o cristão na Igreja e no mundo (n. 31);

Referindo-se à missão primeira dos leigos, o documento continua dizendo:

“É própria e peculiar dos leigos a característica secular [...]. Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. [...] a eles compete especialmente iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais [...] para que elas sejam feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor” (n. 31);

O mesmo espírito ilumina o Decreto Apostolicam Actuositatem (Vat. II), levando-o a inscrever que a ação do laicato, no mundo, parte de sua própria vida e Batismo:

As condições atuais [...] não só dilataram os campos do apostolado dos leigos, em grande parte acessíveis só a eles, mas também suscitaram novos problemas que reclamam sua atenção interessada e o seu esforço. Este apostolado torna-se tanto mais urgente quanto a autonomia de muitos setores da vida humana [...]. Além disso, em muitas regiões [...] a Igreja, dificilmente poderia estar presente e ativa sem o trabalho dos leigos” (n. 1).

Na América Latina, a recepção do Concílio reacendeu as esperanças do triunfo do Reino de Deus para todos os latinos, sufocadas durante séculos de “angústias e incertezas”, provocadas desde a escravidão e continuadas pela exploração e pela dominação das cidadelas do poder. A II Conferência Episcopal Latino-americana realizada em Medellín em 1968 reconheceu e destacou o importante papel dos Leigos na manutenção da fé nos momentos da vacância clerical provocada pelo autoritarismo pombalino (século XVIII) que expulsou Jesuítas e demais congregações religiosas e a importância de sua ação como sujeitos eclesiais na Igreja e na sociedade (n. 10).

Os caminhos da libertação aprofundaram-se em Puebla (1979). Nessa terceira Conferência, Leigos e Leigas foram realocados no contexto eclesial, sendo identificados como “homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja” (n. 786). Em meio às profundas crises econômicas que passaram a afetar, sobretudo a América Latina, submetendo-a a pagar os custos da implementação das políticas neoliberais, Santo Domingo (1992) chama os Leigos e Leigas Cristãos de protagonistas da transformação da sociedade (n. 98). Aparecida (2007) veio para coroar a conceituação sobre a missão dos Leigos e Leigas, conclamando a Igreja toda para uma maior abertura de mentalidade e acolhimento do ser e do fazer dos Leigos

e Leigas na Igreja que, por seu Batismo e Confirmação, são discípulos missionários de Jesus (n. 243).

À luz do princípio Evangélico narrado por Mateus (5,13-14), “sal da terra e luz do mundo”, refletindo a luz que vem de Cristo e da história eclesial, a CNBB sistematizou no Documento n.105 os avanços realizados ao longo da história socioeclesial e conclama toda a Igreja para o reconhecimento do “serviço cristão ao mundo” (n.162) exercido pelos Leigos e Leigas em sua particular missão familiar, profissional e política e, estando no meio do mundo à frente das variadas tarefas da ordem temporal (n.63).

4 - LEIGOS E LEIGAS: ESPIRITUALIDADE DE MISSÃO

Inquirido sobre a espiritualidade leiga, Vicente Bosch afirma: “O leigo santifica o mundo a partir do mundo, com sua profissão e sua família”²⁹. A seus interlocutores, Bosch acrescenta:

É assim que nasce uma espiritualidade leiga, caracterizada pelo cruzamento entre o humano e o cristão, a valorização positiva das coisas cotidianas, a competência profissional, o sentido de responsabilidade, o acentuado sentido de liberdade pessoal e uma forte consciência da missão de ordenar as coisas até Deus.³⁰

Na verdade, como já referido a espiritualidade cristã é única, no sentido de que há uma só Fé, um só Batismo, um só Cristo, um só Espírito. E a meta é sempre a mesma: a Santidade. Mas é preciso encarar tudo isso na vida. As pessoas são muito diferentes, de modo que poderíamos dizer que, ao final das contas, há tantas espiritualidades quanto tantos cristãos.

Assim, a expressão multiforme da vida cristã também apresenta características distintas. O fato de ser padre, monge ou leigo marca a vida espiritual, pois, nas relações com Deus e com os

²⁹ Vicente BOSCH. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?*.

³⁰ *Ibidem*.

irmãos não se pode deixar, de um lado, o ministério sacerdotal, os votos e as regras dos religiosos e, por outro lado, os deveres familiares e cívicos dos leigos. Por isso, em cada um se consolida um estilo de vida que dá origem a uma espiritualidade própria. Os cristãos leigos se santificam de forma peculiar na sua inserção nas realidades temporais, na sua participação nas atividades terrenas. Santificam-se no cotidiano, na vida familiar, profissional e social.

Neste sentido, os leigos precisam de uma espiritualidade própria, distinta a dos sacerdotes e religiosos. O fiel leigo é alguém que foi batizado e chamado por Deus e, para com sua presença no mundo, deve devolver às coisas criadas a sua beleza original, perdida devido ao pecado. Ou seja, a missão do leigo é a de encaminhar o mundo até Deus, impregnando as estruturas temporais de um profundo sentido cristão. Assim, como diz Maria Clara Bingemer:

“A espiritualidade de qualquer cristão – leigo ou não – *deve ser algo profundamente integrador* (grifo nosso). Algo que não o aliene de nenhuma dimensão de seu ser humano, [...] Deve ser algo que - na acepção mais profunda – liberta para servir melhor e mais concretamente aos outros, para assumir plenamente sua realidade cotidiana e ali encontrar o Mistério e viver o desafio da santidade”³¹.

É certo que a Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II tem feito um grande esforço para reconhecer o papel dos Leigos e Leigas e estes estão sendo corresponsáveis na gestão das paróquias e dioceses. Porém, ‘essa não é a única via de santificação nem a mais importante, a qual continua sendo a vida familiar e profissional’. Em relação a isso, ‘alguns sacerdotes erram ao pensar que a maturidade de um leigo se mede pelo tempo e a energia dedicados às paróquias’. O Papa Francisco lamentou, recentemente, “a existência de um clericalismo que ‘funcionaliza

³¹ Maria Clara Luchetti BINGEMER. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. p. 46.

os leigos' e gera uma elite para trabalhar em coisas da Igreja, mas que não cuida de sua vida pública e de sua vida cotidiana"³².

4.1 - A ESPIRITUALIDADE PRÓPRIA DOS LEIGOS E LEIGAS À LUZ DO DOCUMENTO 105

Eco das vozes socioeclesiais que, ao longo dos séculos lutaram para que Leigos e Leigas ascendessem para o centro da Igreja, em igualdade de direitos com os inseridos no ministério clerical e na vida religiosa e fazendo-se “ouvir por cima dos telhados”, no Documento 105, a CNBB pontua os traços da espiritualidade laical. Dentre todos aqui se destaca:

4.1.1 - Uma espiritualidade encarnada

Uma espiritualidade encarnada que se caracteriza pelo seguimento de Jesus, pela vida no Espírito, pela comunhão fraterna e pela inserção no mundo. A espiritualidade cristã sempre terá por fundamento os mistérios da encarnação e da redenção de Jesus Cristo. Esse enfoque deve permear a formação laical desde o processo da iniciação cristã³³.

A partir de Jesus Cristo, os cristãos Leigos e Leigas infundem uma inspiração de fé e amor nos ambientes e realidades em que vivem e trabalham. Em meio à missão, como sal, luz e fermento, nos ambientes em que vivem no mundo, Leigos e Leigas testemunham sua identidade cristã, como ramos na videira, na comunidade, na fé, oração e partilha³⁴.

Para que esta atitude esteja fortalecida, a oração e a contemplação são fundamentais. É preciso cultivar um espaço interior dinamizado por um espírito contemplativo que permita um encontro significativo com o Deus revelado por Jesus Cristo, que

³² Vicente BOSCH. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?*.

³³ CNBB. Doc 105, n.184.

³⁴ CNBB. Doc 105, n.185.

permite descobrir que todos somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a viver uma vida nova, na busca desta vida nova para todos³⁵.

O verdadeiro trabalhador da vinha nunca deixa de ser discípulo. A experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo sempre renovada é a única capaz de sustentar a missão. Por isso o discípulo missionário deve dedicar tempo à oração sincera, que leva a saborear a amizade e a mensagem de Jesus.

Em virtude do Batismo, que está na origem do sacerdócio comum dos fiéis, os cristãos Leigos e Leigas são chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, fonte da vida comunitária e do amor transbordante que se deve testemunhar³⁶.

O Apóstolo Paulo destaca o fundamento trinitário da vida em comunidade, feita de diversidades e de unidade. O Deus UNO e Trino, é fonte e modelo de toda vida comunitária. Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. “Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos” (1Cor 12,4-6)³⁷.

Um desafio para os cristãos Leigos e Leigas é superar as divisões (At 2,42-45;4,32-35) e avançar no seguimento de Cristo, aprendendo e praticando as bem-aventuranças do Reino, ao estilo de vida do Mestre Jesus: sua obediência ao Pai, compaixão diante da dor humana, amor serviçal até o dom de sua vida na cruz: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34)³⁸.

4.1.2 - Espiritualidade da comunhão e missão

Em sua inserção no mundo, os cristãos Leigos e Leigas são convidados a viver a espiritualidade de comunhão e missão.

³⁵ CNBB. Doc 105, n.186.

³⁶ CNBB. Doc 105, n.189.

³⁷ CNBB, Doc 105, n 190.

³⁸ CNBB, Doc 105, n. 191.

Comunidade missionária, a Igreja está voltada ao mesmo tempo para dentro e para fora. Para que este movimento seja eficaz, é necessária a espiritualidade da comunhão que gera a abertura ao diferente. O outro não é apenas alguém, mas um irmão, dom de Deus, continuação da Encarnação do Senhor. O outro é diferente de mim. E esta diferença distingue, mas não separa. Espiritualidade de comunhão e missão significa respeito mútuo, diálogo, proximidade, partilha, benevolência e beneficência.

A espiritualidade da comunhão e missão se comprova no esforço e na prática da misericórdia, do perdão, da reconciliação e da fraternidade, até o amor aos inimigos. Sem a espiritualidade de comunhão e missão cai-se nas “máscaras de comunhão” e dá-se espaço à fofoca, às suspeitas, aos ciúmes, às invejas que são sentimentos e atitudes destrutivas.

4.1.3 - Místicas que não servem

Há certo cristianismo feito apenas de devoções- próprio de uma vivência individual e sentimental da fé – que na realidade não corresponde a uma autêntica piedade cristã. O Papa Francisco alerta que a missão precisa do pulmão da oração, da mística, da espiritualidade, da vida interior. Todavia, continua o Papa, “Não nos servem, para a missão, místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração”.

4.1.4 - Religiosidade popular

Muitos Leigos e Leigas cristãos que vivem em “verdadeiros exílios sociais” se evangelizam a si mesmos, em comunidade, iluminados pelo Espírito Santo. A religiosidade popular é fruto do evangelho inculturado, é um lugar teológico ao qual se deve prestar atenção porque tem muito para ensinar.

Mães rezando ao pé da cama de seus filhos doentes, portadoras de uma carga imensa de esperança simbolizada numa

vela acesa, num olhar que se volta para o crucifixo, para o céu, para Maria e os santos e Pais com mãos calejadas e olhar cansado, lutando por direitos, dão concretude a uma espiritualidade construída à luz do Evangelho e que revela a fé e o amor a Deus neste ambiente de secularização e de indiferença religiosa em que se vive. A espiritualidade destes Leigos e Leigas ignotos é uma confissão de fé que evangeliza filhos, vizinhos, parentes, amigos e toda a sociedade.

A Conferência de Aparecida confirmou opção preferencial pelos pobres, os excluídos, os sofredores na cruz cotidiana. Recentemente, o Papa Francisco deu-lhes uma interpretação mais incisiva: uma Igreja pobre para os pobres (Não seria interessante citar o dia mundial dos pobres), chamada a descobrir Cristo neles e a reconhecer a força salvífica de suas vidas e a colocá-los no centro do caminho da Igreja, acolhendo a misteriosa sabedoria que Deus quer comunicar através deles (EG 198).

CONCLUINDO EM PERSPECTIVA DE CONTINUIDADE

As reflexões aqui sistematizadas convergem para um ponto central: Entre clérigos, religiosos e leigos há em comum, o fato de todos serem batizados. O Batismo é, pois, a pedra angular da identidade cristã. Por meio desse sacramento todos são introduzidos num novo modo de existir: o existir cristão.

Inseridos nesse contexto, Leigas e Leigos são chamados a viver e a testemunhar no mundo e na Igreja esse seu modo de existir, alicerçando-o nos princípios de fidelidade a Cristo e no espírito amoroso para com todos, especialmente, com os mais pobres.

Diante disso, novas exigências para o fazer teológico se anunciam e desafiam a Itepa Faculdades. Assim como os Leigos Cristãos, essa casa formativa vive no mundo sem ser do mundo. Como, pois, pensar e fazer uma formação teológica que contemple as necessidades e as especificidades dos sujeitos inseridos num

mundo em ebulição, no qual a espiritualidade cristã libertadora está sendo empurrada para os subterrâneos cavados pelo modo neoliberal de viver e de organizar a sociedade?

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo. In: *Perspectiva Teológica*, 19, 1987. ps. 29-48.

ALMEIDA, José de. *Uma abordagem histórica. Leigos em quê?* São Paulo, Paulinas, 2006.

_____. *Leigos e Leigas: história e interpretação*. Ateo: Rio de Janeiro, v.19, n.50, p.253-286, mai/ago.2015.

BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista? A Igreja de nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo, Paulinas, 2006.

BEOZZO, José Oscar. *História da Igreja Católica no Brasil*. www.revistacatolica.com.br/revista/arautos. Acesso em 5 novembro de 2017.

BOSCH, Vicente. *A espiritualidade dos leigos deve ser diferente da dos padres e religiosos?* <<https://pt.aleteia.org/.../a-espiritualidade-dos-leigos-deve-ser-diferente-da-dos-padres-e-religiosos?>> Acesso em 05 de novembro de 2017.

CNBB. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*. Sal da Terra e Luz do Mundo. Documentos 105.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO CARIBENHO. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB. São Paulo: Paulinas/Paulus. 2007.

FAGNANI, Eduardo. O fim do breve ciclo da cidadania social no Brasil (1988-2015). Unicamp.IE, Campinas, n. 308, jun. 2017. Texto para Discussão.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.

PASSOS, João Décio. *O Leigo no Vaticano II*. Sujeito cristão na sociedade e na Igreja. In: *Revista Eclesiástica Brasileira – Reb. FASC 291 – Julho – 2013*.